



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
– PARFOR
CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

MADALENA VILHENA BAÍA

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA PEDAGOGA RIBEIRINHA

**ABAETETUBA/PA
2018**

MADALENA VILHENA BAÍA

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA PEDAGOGA RIBEIRINHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia (PARFOR), da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Mestranda Marcilene Calandrine de Avelar

**ABAETETUBA/PA
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B152e Baía, Madalena Vilhena.
Entre memórias e histórias de uma pedagoga ribeirinha /
Madalena Vilhena Baía. — 2018.
44 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Marcilene Calandrine de Avelar
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memória. 2. História. 3. Educadora. 4. Pedagogia. I.
Título.

CDD 370

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA PEDAGOGA RIBEIRINHA

Trabalho de Conclusão de Curso- Memorial de Formação- Apresentado ao Curso de Pedagogia (PARFOR), da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, analisado e aprovado pela Banca Examinadora formada pelos professores.

Avaliado em de de 2018.

Conceito:

Orientadora:
Prof.^a Mestranda Marcilene Calandrine de Avelar

Membro 1:
Prof. Especialista José Nazareno Figueiredo e Silva

Membro 2:
Prof. Doutorando Petrônio Medeiros Lima Filho

A minha família e a todos que
contribuíram para essa conquista e a
todos aqueles que acreditam numa
educação pública de qualidade, firmada
na dedicação e compromisso.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre está comigo em toda minha caminhada, me ajudando vencer todos os desafios.

Ao meu esposo João Bosco e meus filhos Efraim, Eliaquim e Elionay, pela paciência e apoio a mim dedicado durante minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais Paulo e Sebastiana (*in memoriam*) que sempre me incentivaram nos meus estudos.

Aos professores formadores do curso de Pedagogia da UFPA Campus Abaetetuba.

A minha Orientadora Marcilene Calandrine de Avelar pela sua contribuição e paciência.

A minha equipe de trabalho durante esses quatro anos: Miguel, Mariza, Inês, Palmira e em especial a Dores e Mariellem pela troca de conhecimento, pela amizade construída ao longo deste período.

*“Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz
aquele cujo propósito está firme,
porque em ti confia.”*

Isaías 26, 3

RESUMO

Com a finalidade de descrever a minha trajetória profissional de forma crítica e reflexiva, o presente memorial, entre outras coisas, me possibilitou a descrição de fatos do meu cotidiano e sua vasta amplitude, no que se refere às relações por mim vivenciadas nos cenários interpessoal e educacional. Os agentes que fizeram e fazem parte dessa teia humana são os alunos, colegas de profissão, professores da graduação, diretores, funcionários, membros de minha família que de uma forma direta ou indireta foram decisivos para que desempenhassem de maneira efetiva e afetiva minhas práticas de docente. As memórias e histórias aqui presentes são acompanhadas de reflexão sobre os fatos acima citados. Isso só foi possível por meio de teóricos como Andrade (1999), Borba (2006), Cury (2003), Freire (2000), Moreira (2008), Smole (2007), que permitiram por meio de suas abordagens, uma análise coerente com cada fato detalhado. A todos que partilharem dessa leitura, desejo que tenham nas interpretações e reflexões presentes nesse memorial a oportunidade de cruzar informações e conhecimentos com as próprias práticas pessoais, a fim de somarmos experiências em nossas relações no contexto educacional.

Palavras-chave: Memória. História. Educadora. Pedagogia.

ABSTRACT

In order to describe my professional career in a critical and reflexive way, the present memorial, among other things, enabled me to describe the facts of my daily life and its vast breadth, in relation to the relationships I experienced the interpersonal. The agents who have made and are part of this human web are the students, professors, undergraduate professors, directors, employees, members of my family who, in a direct or indirect way, were decisive for the effective and affective performance of my teacher. The memories and stories present here are accompanied by reflection on the above facts. This was only possible through theorists such as Andrade (1999), Borba (2006), Cury (2003), Freire (2000), Moreira (2008) and Smole (2007) with each detailed fact. To all who share this reading, I wish to have in the interpretations and reflections present in this memorial the opportunity to cross information and knowledge with our own personal practices, in order to add experiences in our relationships in the educational context.

Keywords: Memory. History. Educator. Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Meu pai Paulo Vilhena.....	13
Figura 2: Minha mãe Sebastiana.....	14
Figura 3: Pote de barro.....	15

LISTA DE SIGLAS

BASA	BANCO DA AMAZÔNIA
ECA	ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
IES	INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
IPES	INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MEC	MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PARFOR	PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PCNS	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - BRASIL ESCOLA
PDE	PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
PPP	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	13
1.1 INFÂNCIA.....	13
1.2 JARDIM A 4ª SÉRIE.....	16
1.3 ENSINO FUNDAMENTAL DE 5° A 8° SÉRIE.....	19
1.4 2° GRAU.....	21
2. MAGISTÉRIO E MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE	25
2.1 UMA PORTA ABERTA PARA REALIZAÇÃO DE UM SONHO.....	26
2.1.1 A realidade do dia a dia nas multisséries no Pará	26
2.2 FINALMENTE A REALIZAÇÃO DE UM SONHO.....	29
2.3 UMA REALIZAÇÃO PESSOAL E A CONTINUAÇÃO DA DOCÊNCIA.....	32
3. PERCURSO ACADÊMICO	33
3.1 PARFOR, MEUS PRIMEIROS PASSOS NA GRADUAÇÃO.....	33
3.2 CONTRUIÇÕES CONTRIBUIÇÕES DE ALGUMAS DISCIPLINAS.....	36
3.3 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

A construção deste memorial foi para mim bastante prazerosa, pois me deu a oportunidade de mais uma vez, refletir sobre minhas experiências até o presente momento acadêmico como aluna do Plano Nacional De Formação De Professores da Educação Básica-PARFOR no qual estou cursando a minha graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pará-UFPA.

Ao elaborar este memorial, poderei compreender o início de meu processo de formação, assim como a trajetória realizada por mim no cenário escolar. Aprenderei por meio de uma nova visão sobre o porquê das dificuldades e facilidades por mim vivenciadas na minha atuação de docente. Nesse sentido, a relevância desse memorial está no fato de que ele me permite tornar mais consciente de minhas ações no decorrer do tempo e relacioná-las com minhas práticas pedagógicas.

Conhecendo o processo por mim realizado poderei fazer uma análise crítica e assim modificar atos incoerentes realizados em minhas práticas educacionais.

Desse modo, o mesmo tem como objetivo descrever acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória estudantil, profissional e acadêmico. Ao construí-lo, com certeza vou mergulhar em sentimentos diversos: alegria, tristezas, saudades... Será uma experiência memorável. No decorrer dessa narrativa busco conscientizar minhas vivências relacionadas à educação com as teorias estudadas durante o curso.

As fontes são uma escolha imprescindível para que o desenvolvimento de um trabalho proposto seja satisfatoriamente alcançado. Assim, buscou-se trabalhar com autores que pudessem dar suporte para cada situação descrita neste memorial. Por isso, os autores como Andrade (1999), Borba (2006), Cury (2003), Freire (2000), Moreira (2008), Smole (2007), entre outros foram usados como fontes teóricas, pois permitiram um embasamento capaz de responder de maneira eficiente as vivências relatadas.

Desse modo, este memorial se apresenta em quatro capítulos.

No primeiro capítulo faço uma breve intensificação abordando períodos importantes sobre minha infância os primeiros anos de escolarização até o segundo grau.

No segundo capítulo discorro sobre o magistério e o início de minha trajetória docente, as contribuições desta etapa de estudo para o desenvolvimento da minha vida profissional. No terceiro capítulo faço uma breve reflexão sobre as práticas pedagógicas por mim desenvolvidas antes e depois da graduação.

Portanto, são apresentadas memórias e histórias marcadas de sacrifício e lutas, conquistas e derrotas, mas regadas de muitas esperanças e entusiasmos, que hoje frutificam por meio dessa conquista de minha graduação em Pedagogia. A esse itinerário por mim percorrido me traduz o quanto a vida nos impõe desafios que pacientemente temos que vencê-los, pois só assim encontramos o nosso lugar na vida e na história.

1. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Uma pessoa pode ter uma infância triste e mesmo assim chegar a ser muito feliz na maturidade... Da mesma forma pode nascer num berço de ouro e sentir-se enjaulada pelo resto da vida.

Charles Chaplin

1.1 INFÂNCIA

Uma viagem ao passado. Voltar no tempo, recordar momentos inesquecíveis que sem dúvida, tornaram-se significativos na minha trajetória de vida como aluna e posteriormente educadora me enche de lembrança e nostalgia.

Eu, Madalena Vilhena, 47 anos, nascida em 09 de outubro de 1969, no município de Igarapé-Miri, localidade do Rio Caji, segunda filha de um total de sete irmãos do casal Paulo Vilhena e Sebastiana dos Santos (in memoriam).

Figura 1: Meu pai Paulo Vilhena



Fonte: Acervo pessoal da autora

Hoje casada, mãe de três filhos meninos que são motivos que me impulsionam a seguir em frente.

Apesar da origem humilde de minha mãe analfabeta, e meu pai que estudou depois de jovem só até a 3º série, sempre souberam da importância da educação na vida das pessoas, por não terem acesso à escola durante a infância sempre nos incentivaram a estudar.

Figura 2: Minha mãe Sebastiana



Fonte: Acervo pessoal da autora

Com a implementação da LDB 9394/96 Art. 3º I Lei “que garante o acesso e permanência na escola” tudo ficou mais fácil até mesmo nas regiões ribeirinhas este acesso se tornou possível. Em busca dessa oportunidade meus pais saíram do interior e foram para a capital (recuperar essas memórias me deixa orgulhosa de meus pais), a fim de adquirir meios mais concretos para que nós tivéssemos oportunidades de concluir os estudos e possuir uma vida melhor.

A infância um dos períodos mais belos e importantes, base do ser humano, fases de descobertas e identificação do próprio eu, para Cury (2003, p. 11) “[...] às crianças precisavam ter infância, que necessitam inventar, correr riscos, frustrar-se, ter tempo para brincar e se encantar com a vida [...]”.

Minha infância foi uma etapa muito rica de aprendizados e afetos, apesar das dificuldades que não eram poucas, vivíamos felizes. Aos dois anos de idade meus pais tiveram de sair do município de Igarapé-Miri para a cidade de Belém, até meus quatro anos moramos com minha avó paterna, foram dias de muitos “apertos”, de

acordo com relatos de minha mãe, mas com muito trabalho e determinação de meus pais dentro de pouco tempo, obtiveram a conquista de nossa casa no bairro do Jurunas em Belém/PA.

Esse foi o lugar onde passei minha infância, adolescência e uma parte da minha vida adulta, ainda hoje meu pai e minhas irmãs residem no mesmo lugar. A casa já não é a mesma, recordo que era uma área de invasão a casa simples construída em madeiras no estilo interiorano, nossa casa possuía uma sala ampla e na cozinha com enormes girais, onde acomodado o pote de água e as louças.

Figura 3: Pote de barro



Fonte: Blog do Ademir Rocha. Disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2016/05/um-dia-nos-rios-e-feiras-de-abaetetuba.html>. Acesso em: 27 de mar de 2018.

A rua era de terra batida, não havia o movimento de veículos, era o cenário perfeito para a criançada da vizinhança se reunir ao cair de tarde. Para nos divertirmos, as brincadeiras eram as mais diversas: pega-pega, amarelinha, cai no poço, bole-bole, as cantigas de roda também faziam parte do nosso repertório de brincadeira. Para Borba (2006, p. 14) “a brincadeira é um lugar de construção de cultura fundado nas interações sociais entre crianças”. Hoje percebo o quanto foi importante esses momentos de brincadeiras, aprendizados e socializações, a ainda preservo muitas amizades que nasceram nesta fase de minha vida.

Entre brincadeiras e o convívio familiar fui desenvolvendo minhas habilidades naturalmente o que é comum a toda criança, minhas primeiras experiências com a leitura não se deu no ambiente escolar, mas de uma maneira informal.

Meu pai foi o responsável por essa experiência trabalhando como jornalista, sempre levava para casa exemplares de jornais, depois do almoço deitado em sua rede lia as manchetes em voz alta e isso me chamava atenção ficava curiosa, ele percebendo meu interesse, a sua maneira, começou a ensinar-me as letras.

Segundo Freire (1996, p. 53),

O exercício da curiosidade convoca à imaginação a instituição as emoções a capacidade de conjecturar de comparar na busca da perfeição do objeto ou do achado de sua razão de ser.

Impulsionada por essa curiosidade de criança e com a ajuda do meu pai, tendo como minhas primeiras cartilhas os jornais, estava eu, todas as tardes de baixo da rede de meu pai, buscando conhecer cada letra que surgiam nas manchetes dos jornais. Nesse ambiente de cumplicidade e afeto, deu-se minha aprendizagem, depois de algum tempo já conseguia identificar as linhas do alfabeto, escrever meu primeiro nome e com essas primeiras conquistas nascia o desejo de aprender cada vez mais.

1.2 JARDIM A 4ª SÉRIE

Comecei a frequentar a escola aos 5 anos de idade. É incrível como essas lembranças tão distantes se apresentam vivas em minha memória, lembro-me da primeira escola e da primeira professora, que era uma senhora muito carinhosa a qual chamávamos de tia. Essa relação de parentesco e afetividade que costumava existir entre alunos e professores na Educação Infantil é um dos fatores que contribuiu para que essa época de minha vida se tornasse inesquecível. Ainda hoje, em muitas de nossas escolas podemos observar esse tipo de tratamento, contudo Freire (1997, p. 18) aborda que,

Professora é professora. Tia é tia. É possível ser tia, mas não é possível ser professora sem amor aos alunos mesmo que amar só não basta e sem gostar do que faz. É, mais fácil, porém, sendo professora dizer que não gosta de ensinar do que sendo tia dizer que não gosta de ser tia.

Apesar das considerações do autor essa forma de tratamento nos aproximava mais daquela que assume uma posição não só de cuidar, mas também de educar, nesta fase tão especial da vida que é a infância.

[...] o cuidado é, portanto, considerado tão importante quanto á educação, pois a professora que cuida, educa e a que educa, cuida, ambas são inerentes a profissão docente na educação infantil. (ASSIS, 2008, p. 98).

A escola na qual tive o meu primeiro contato com a educação formal, funcionava em um Centro Comunitário do bairro que atendia os alunos do antigo Jardim de Infância, hoje Educação Infantil. FROBEL no Século XIX foi o criador dos Jardins de Infância, modalidade de ensino que chegou ao Brasil por volta de 1975 onde defendia um ensino sem obrigações por que o aprendizado depende do interesse de cada um e se faz por meio da prática.

Na primeira semana de aula no jardim II, foi transferida para a turma da alfabetização, pois já conhecia o alfabeto e escrevia meu nome, além da escola normal, meus pais me colocaram para estudar externato (reforço escolar), para que pudesse me desenvolver melhor. Lembro-me que a professora do externato era muito brava e as vezes recorria a palmatória para garantir a disciplina durante as aulas, Segundo Freire (2008, p 89):

Assim “como inexistente no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, abrigo, autoridade ou liberdade”. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo e que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis a vocação para o ser mais.

Apesar de ter me alfabetizado muito cedo em um contexto de educação tradicional, hoje compreendo que nessa nova visão de alfabetização, não é suficiente decodificar letras, palavras sem, contudo compreender seus significados e torná-la parte de sua prática social para Freire (2001, p.60), aprender a ler e escrever, já não é, pois memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever sobre o profundo significado da língua.

Mesmo tendo muita facilidade com o português, nem tudo era fácil nesse universo de conhecimento, existia algo que não conseguia entender, era os números, tive muita dificuldade no começo com a matemática, lembro-me de um episódio que me faz rir até hoje foi quando a professora da 1º série pediu para escrevermos de 1 a 50, ainda não tinha absorvido a ideia de número e quantidade e chorando pedi para escrever até 100.

Hoje sei o quanto é importante proporcionar ao aluno um ensino contextualizado para que o processo de aprendizado seja significativo. Uma das formas mais simples de trabalhar a matemática é através do lúdico, pois é certo que

as crianças aprendem muito mais brincando conforme aponta Smole, Diniz e Cândido (2007, p.11).

O trabalho com jogos nas aulas de matemática, quando bem planejado e elaborado, auxilia o desenvolvimento de habilidades com observação, análise, levantamento de hipótese, busca de suposições, reflexão, tomada de decisão, argumentação e organização, que estão estreitamente relacionadas ao raciocínio lógico.

Dessa forma é possível tornar a aprendizagem em matemática mais prazerosa e proporcionar ao aluno uma melhor compreensão do que está sendo estudado, já que o aluno é muito seletivo em suas observações e uma metodologia por meio de jogos contribui bastante.

Terminado o período de alfabetização fui estudar no EMEF Educandário Jesus de Nazaré, que ficava um pouco mais longe de casa, no começo meus pais me levaram todos os dias depois meu irmão mais velho João Batista (*in memoriam*) que aqui me recordo com muita saudade, ficou com essa tarefa, e por muito tempo fizemos esse percurso até a escola, foi também por meio dele que comecei a participar da bandinha da escola que desfilava pelas ruas próximas a escola na semana da Pátria.

Desse período também carrego boas recordações de uma pessoa que marcou muito que foi a professora Fátima, estudei com ela a 3º e 4º série, além da beleza exterior possuía um carisma que conquistava a todos a sua volta, nos reunimos envolta de sua mesa, ela nos contava sua trajetória como aluna e o prazer que tinha em ser professora que aprendeu a amar com a irmã mais velha que era a diretora dessa escola.

Muitos professores acreditavam que é importante manter a distância para que seu trabalho seja mais eficaz, segundo Freire (2008, p. 141), “não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante [...]”.

Essa profunda aproximação despertou ainda meu interesse em dia me tornar-me professora, foi nessa época que tomei gosto pela matemática, apesar de ser muito tímida, me sentia à vontade para perguntar e tirar dúvida.

A maneira como a professora Fátima dava aula chamava atenção em todas as turmas da escola. Nesse período, havia a predominância da Educação Bancária, que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's),

[...] A metodologia decorrente de tal concepção, baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminedada e fixa independentemente do contexto escolar, enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização do conteúdo. (Brasil, 1997, v.1, p.39).

Mesmo trabalhado com essa metodologia a diferença estava no modo atencioso e respeitoso com éramos tratados, dessa maneira me sentia segura e confiante.

1.3 ENSINO FUNDAMENTAL DE 5° A 8° SÉRIE

Em 1982 iniciei a 5° série na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Rotary. A partir daí surge uma grande diferença com o aumento das disciplinas e a quantidade de professores já não tínhamos mais aquela mesma ralação que possuíamos com os professores das séries antigas. Nesse período fiquei fanática por leituras, lia de tudo, meus livros didáticos, a bíblia, gibis, jornais, romances, dentre outros, acredito que esse gosto pela leitura me ajudou bastante na minha trajetória estudantil.

Entre as disciplinas que faziam parte da minha grade curricular estavam inglês, história e a geografia a qual me encontrei pois tratava de assuntos que estavam ligados com o nosso ambiente nosso lugar de acordo com os PCN's (1997, p.127):

O estudo da geografia, deve abordar principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sócias e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico. Para tanto; A paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho.

Diante dessa perspectiva dos PCN's para o ensino da geografia o que hoje posso perceber era o distanciamento entre a teoria e a prática, a disciplina na naquela minha época de estudante eram repassadas sem a oportunidade de trabalhar os conteúdos de uma maneira crítica era comum o professor descartar as respostas que não tivesse de acordo com que estava nos cadernos não existia espaço para uma interpretação pessoal sobre o conteúdo em questão. Este é um exemplo da educação tradicional bancaria onde o aluno era apenas um recipiente vazio onde eram depositados os conhecimentos. Para Zabala (1998, p.89):

A perspectiva tradicional atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos, o aluno. O aluno por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo.

Hoje devido as formações pelos quais os professores têm acesso não só o ensino da geografia, mas também das outras disciplinas já são trabalhadas de forma contextualizadas, na qual, o aluno tem a oportunidade de refletir e também participar da construção desse conhecimento não sendo mais um mero expectador na sala de aula, mas um sujeito ativo nesse processo de aprendizagem.

Apesar das práticas de ensino nem sempre serem favoráveis, foi nessa etapa da minha vida que conseguir vencer um pouco minha timidez a escola era um ambiente que me fazia muito bem onde cada dia aprendia coisas novas.

[...] Trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola me proporcionou um imenso prazer em frequentá-la, o que nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje parece que os alunos vão vezes, desanimadas, sem vontade de lá estar. (ANDRADE 1999, p. 3).

O que eu posso perceber nas salas de aula e até mesmo observando as crianças da minha família, é que as crianças apresentam uma certa resistência para frequentar a escola, faltam por qualquer coisa, as vezes me pergunto se falta mais incentivos dos pais ou a escola não está sendo atrativa para nossos alunos. Esta é uma situação preocupante, pois se aprende mais quando há motivação, interesse, harmonia, integração entre aluno/ aluno, aluno/professor. Assim, me indago: Por que a escola não está sendo atrativa para os alunos?

Para esclarecer a essa indagação, faz-se necessário perceber que a escola pode ser entendida, no processo educacional atual, como a responsável na construção da sociedade. Essa característica a torna ambígua no seu desenvolvimento, pois ao criar para si, enquanto instituição social, restrições através de práticas que tornam o ensino e o aprendizado distante da realidade dos alunos.

Ao analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar denso, que leva em conta a dimensão do

dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores da história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto, instituição”. (DEYRELL, 2001, p. 136)

É importante tal observação já que a escola sendo um espaço sociocultural, apresenta e desenvolve junto ao aluno a identidade de sujeito social, pois é dentro da escola que o aluno vai construir e reconstruir seu comportamento, o qual irá envolver sua maneira de pensar, agir e sentir no contexto social em que está inserido. Na visão de Lopes (2002, p.87) é identificado que:

[...] a função da escola no processo de construções de identidades sociais, concebendo a escola como um dos espaços mais importantes para a constituição de quem somos, pois, a mesma se apresenta como um dos primeiros espaços sociais que o (a) aluno (a) tem acesso, desde criança, possibilitando-lhe interagir com outros modos de ser humanos, relativamente diferentes do universo homogeneizado da família.

Para Fiori (1992, p. 12), “a escola deve inserir-se intrinsecamente, radicalmente, profundamente, no dinamismo totalizante da cultura do povo, que não necessita ser autóctone mais sim autônoma”. Essa autonomia deve ser repassada para os alunos a fim de firmar a construção da identidade escolar responsável.

O que adquiri de responsabilidade no ensino do 1º grau foi o despertar para a leitura e motivação de sempre continuar a estudar. No entanto, me deparei que o sistema educacional ainda em termos práticos possuía características bastante conservadoras, não permitindo um processo de criticidade e inovação.

1.4 2º GRAU

Em 1987, após o término do ensino fundamental, tive a oportunidade de viajar com uma senhora para São Paulo (SP), onde foi trabalhar como babá, adiei por quase dois anos meu ingresso no 2º grau.

Muitos adolescentes e jovens não conseguem finalizar seus estudos por vários motivos, no meu caso, dei um tempo dos estudos, pois quis aproveitar a

oportunidade de conhecer outros lugares e sabia e sabia que a oportunidade de conhecer São Paulo (SP) talvez demorasse ou não tivesse outra igual. Mas muitos jovens são obrigados a abandonar a escola, por motivos diversos, externos e internos, no que se refere a escola.

Entre os fatores externos estão os fatos ligados à desigualdade social existente no nosso país, muitos adolescentes e jovens são forçados a largar os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família. Um estudo realizado por educadores, como Brandão, Bianchine e Rocha (1983), conclui que os alunos de nível sócio econômico mais baixos têm um menor índice de rendimento, portanto são mais propensos a evasão.

Essa realidade fica ainda mais evidente quando comparamos com os alunos das classes média e alta, que não são obrigados a trabalhar e tem melhores oportunidades para prosseguir em seus estudos, sendo assim, esses alunos que evadem da escola por não terem condições de conciliar trabalho e estudo, acabam por não usufruírem de seus direitos à educação assegurados no artigo 205 da Constituição Federal do Brasil que dispõe sobre:

A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL. CF. 1998).

Além da Constituição Federal do Brasil, o ECA e a LDB complementam e regulamentam o direito a educação. Através dessas leis, fica claro a responsabilidade da família, sociedade e estado no apoio a esses alunos para que não aja necessidade de abandonarem a escola.

Além da evasão escolar causada pela necessidade econômica, também outros fatores contribuem para esse fenômeno escolar como conflito familiar, violência, a má qualidade do ensino público que muitas vezes o jovem acredita e a escola não contribuirá para um futuro melhor. Diante dessas prerrogativas, é importante a criação de projetos de incentivo para que aja uma quebra desses paradigmas e que a evasão escolar deixe de ser uma realidade em nossas instituições escolares.

Em 1990 de volta a Belém (PA), fui estudar na Escola Ensino de 2° grau “Edgard Pinheiro Porto” onde cursei administração por não ter conseguido uma vaga no magistério.

Acabei gostando do curso, além das disciplinas da base, comum como português, história, geografia, etc., tínhamos como disciplinas específicas do curso matemática financeira, administração e controle, estatística, economia e mercado foi uma experiência, muito boa, pois se trabalhava muito a matemática matéria que no início da minha trajetória estudantil tive muitas dificuldades, mas que com o passar do tempo aprendi a gostar.

Quando estava cursando o 2° ano do 2° grau, tive a oportunidade de participar de um concurso organizado pelo BASA (Banco da Amazônia) que tinha por objetivo selecionar alunos da rede pública para trabalhar como estagiários.

Fiz minha inscrição sabendo como seria difícil ser selecionada, pois havia muitos candidatos na disputa, fiz a prova e fui orientada a aguardar o resultado, os selecionados dessa etapa passariam ainda por uma entrevista apenas 100 candidatos seriam contratados e só os 30 primeiros iriam ser logo convocados para trabalhar. Conseguir passar na primeira, etapa um mês após a entrevista recebi uma carta pois tinha sido classificada entre os trinta primeiros.

Comecei a trabalhar na semana seguinte como estagiária, foi uma experiência muito gratificante e os conhecimentos adquiridos no curso de administração foram muito importantes para desenvolver minhas atividades. Não houve um professor que me chamasse mais atenção todos eram competentes e aprendi muito com eles. Em 1992 terminei meu 2° grau e prestei vestibular para administração, mas não consegui passar.

Apesar de ter ganhado muitos conhecimentos, que foram úteis no meu dia-a-dia ficou claro que o ensino disponibilizado na escola pública na modalidade técnica não foi suficiente para que eu pudesse entrar no ensino superior. Isso se deve à grande demanda e a deficiência de educação de qualidade que existe em muitas escolas públicas, o que contribui para que muitos de seus alunos fiquem pelo meio do caminho.

Uma educação de qualidade deve propiciar ao (a) estudante ir além dos referentes presentes no seu mundo cotidiano assumindo-o e ampliando-o, transformando-se assim e um sujeito ativo na mudança do seu contexto. Entendemos relevante então, como o potencial que o currículo possui de tornar as pessoas capazes de compreender o papel que devem ter na

mudança de seus contextos imediatos e da sociedade em geral, bem como de ajudá-las a adquirir os conhecimentos e as habilidades necessárias para que aconteça (MOREIRA E CANDAU, 2008. p. 21).

De acordo com autores a escola deve promover o progresso de seus alunos ampliando seus horizontes e ajudando-os a desenvolver todas suas habilidades, é claro que isso perpassa pelo planejamento pedagógico.

Todo trabalho pedagógico consiste no aprimoramento constante de suas práticas e planejamentos que levam os alunos, através da escola, a obterem os conhecimentos sistematizados pela humanidade, além de ampliar a capacidade de exerce-los através de uma transformação na sociedade, sempre buscando o bem da humanidade.

Para isso ocorrer, faz-se necessário a organização afim de que as finalidades possam ser alcançadas mediante os recursos humanos e materiais que se dispõem. Não apenas isso, mas também a capacidade de ser coerente com a realidade na qual a escola está inserida, valorizando as práticas no contexto das crianças. Nesse sentido, Oliveira (2009, p. 12), destaca que:

A organização do trabalho pedagógico é o começo de uma plataforma de trabalhos metodológicos que perpassa o ser e o fazer do educador e do educando, visto que este trabalho é intencional e pressupõe a formação integral da criança enquanto ser histórico e pensante, construtor do de seu conhecimento, que estão em formação, que são dotados de capacidades e habilidades que tornarão possível sua evolução pessoal, cultural e social, dentro do espaço em que vive. Portanto as práticas pedagógicas destinadas às crianças, devem considerar sua realidade (crenças, valores, manifestações culturais e condição social.)

Isso envolve acompanhamento de todas as práticas realizadas e é uma peça chave que está intimamente ligada ao objetivo primordial da escola que é promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. É importante pontuar que a organização do trabalho pedagógico se dá em dois níveis: no da escola como um todo, com seu projeto político pedagógico e no da sala de aula, incluindo as ações do professor na dinâmica com seus alunos, através de seu planejamento e planos de aulas (FERREIRA, 2013, p. 28).

As características da organização do trabalho pedagógico é a valorização individual e coletiva, em todos os seus aspectos gerais e particulares, favorecendo a

absorção de atitudes simples como o respeito e a valorização do outro enquanto ser (pessoa), oportunizando uma aprendizagem significativa, capaz de produzir a transformação social que se espera através da formação do homem cidadão, ético, consciente de seus direitos e deveres, portanto; responsável.

Nesse cenário entra em cena o professor, com um papel fundamental, de organizar o dia a dia de todas as práticas realizadas com os alunos, incluindo os procedimentos que as levarão a atingir maiores níveis de desenvolvimento. Além disso, o professor viabiliza a interação entre os próprios alunos e com o corpo que compõem a comunidade escolar.

Dada a relevância do professor, Libâneo (1994, p.96) direciona de modo especial a relevância do docente o que contribui para um melhor conhecimento desse agente que está diretamente ligado ao sucesso da organização do trabalho pedagógico, “O trabalho docente é uma atividade intencional e planejada conscientemente, visando atingir objetivos de aprendizagem. Por isso precisa ser estruturada e orientada”.

Alguns docentes procuram pesquisar, conhecer e trabalhar com seus educandos o desenvolvimento das múltiplas inteligências para assim através da aprendizagem espontânea e intencional, a criança possa descobrir seu potencial maior e o aperfeiçoar contribuindo para a construção da sua identidade.

Enfim, a importância de planejar é fruto da reflexão sobre as condições em que queremos ver crescer os educandos, que cidadão queremos que eles sejam, através das oportunidades criadas a partir de atividades significativas que conduzam o aluno na aquisição de novos saberes de modo a permitir que eles permaneçam no espaço escolar se desenvolvendo e transformando a sociedade.

2.MAGISTÉRIO E MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE

“Obrigado por fazerem do aprendizado não um trabalho, mas um contentamento. Por fazerem com que nos sentíssemos pessoas de valor; por nos ajudarem a descobrir o que fazer de melhor e, assim, fazê-lo cada vez melhor. Obrigado por afastarem o medo das coisas que pudéssemos não compreender; levando-nos, por fim, a compreendê-las... Por

resolverem o que achávamos complicados... Por serem pessoas dignas de nossa total confiança e a quem podemos recorrer quando a vida se mostrar difícil... Obrigado por nos convencerem de que éramos melhores do que suspeitávamos.”

Anônimo

2.1 UMA PORTA ABERTA PARA REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Foi em 1997, fui chamada para lecionar em uma vaga de uma professora na cidade de Igarapé-Miri/PA. Como estava desempregada resolvi aceitar a oferta que teria vigência de três meses. Chegando a localidade em uma região ribeirinha, fui informada que se tratava de uma turma multisseriada¹.

2.1.1 A realidade do dia a dia nas multisséries no Pará

De fato, a realidade da maioria das escolas com turmas multisseriadas revela grandes desafios para que sejam cumpridos os preceitos constitucionais e os marcos legais operacionais anunciados nas legislações específicas, que definem os parâmetros de qualidade do ensino público conquistados com as lutas dos movimentos sociais populares do campo, evidenciando o quadro dramático em que se encontram essas escolas, exigindo uma intervenção urgente e substancial nas condições objetivas e subjetivas de existência dessas escolas (HAGE, 2014, p. 10)

De acordo com o livro de *Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará-2005*, na página 38 o professor José Luiz² destaca em sua exposição, que tem como tema: *Mística: As vozes silenciadas das professoras e professores das classes multisseriadas*, a dura realidade enfrentada no cotidiano do exercício de professor na multissérie:

Caros amigos como vocês perceberam sou professor de classes multisseriadas e meu maior problema com as turmas multisseriadas não se limita somente em ter o controle de turma, mas nos seguintes aspectos:

- Merenda escolar;
- Apoio dos governantes;

1 A multissérie é uma organização de ensino nas escolas rurais para agregar educando de duas ou mais séries/anos em uma mesma sala, com apenas um (a) professor (a), historicamente as classes multisseriadas tornaram-se uma estratégia para solucionar o acesso à escolarização de um número reduzido de crianças e jovens presentes no campo.

2 Educador de escola multisseriadas em um município do Pará.

- Falta de material didático;
- Superlotação;
- Espaço físico;
- A falta de secretário, diretora, supervisor;
- Deslocamento da cidade para a escola.

O mais engraçado é que somos, sem medo de falar “tudo” na escola, trabalho como pai, mãe, psicólogo, diretor, servente, merendeiro, como disse anteriormente somos tudo. É muito difícil conciliar minha prática na sala de aula, tendo uma turma superlotada, fazendo merenda, pagando fretes da merenda, e atirando as formalidades impostas pela secretaria de educação, a qual não conhece nem um pouco a realidade do professor, mas impõe suas regras sem nenhum fundamento.

Assumir o papel de educar a partir das multisséries não é tarefa simples. Primeiro porque existe a falta uma organização das secretarias de educação para que o ensino seja desenvolvido de modo coerente com o ambiente das multisséries. O que acontece de fato é a existência de pressão sobre o professor, que tem de responder as imposições impostas pelas secretarias. O que de fato essas secretarias buscam são dados quantitativos, pois segundo o professor José Luiz:

[...] assim que começa o ano letivo somos agredidos verbalmente e devemos dar presença a alunos que não frequentam a aula, e ter muito cuidado em não reprovar a metade de uma turma, ou seja, o aluno tem que ser aprovado sem saber o suficiente para mudar de série.

São oferecidas soluções fora do contexto multisseriado o que implica em um processo degradativo de desconfiguração da educação nas escolas do campo. Para Toledo (2005), esse fato perpassa por várias gerações sem nada ter sido mudado:

Essa realidade tem gerado ao longo dos anos, a situação de precariedade em que viveu e ainda vive a escola do campo, seja em relação a estrutura física, seja pelo insuficiente grau de formação dos professores. Constituída essencialmente por sala multisseriada ou unidocente, essa escola se caracteriza por possuir uma sala e ter um só professor que ministra aulas para quatro séries iniciais do Ensino Fundamental no mesmo local e ao mesmo tempo. (TOLEDO, 2005, p.06)

Quando descritas as causas que podem estar interferindo no desenvolvimento da Educação do Campo, é possível Alencar alguns fatores de ordem material, política, pedagógica, logística e humana.

Diante desses fatos é que a escola do campo passa a ganhar estereótipo, primeiramente pelos membros da comunidade, seguida da comunidade escolar com os pais, alunos e professores, e no ambiente externo. É por isso como comenta Hage, que a escola multisseriada é entendida como um “mal necessário”, já que é a única forma dos alunos moradores da região terem acesso a um mínimo de dignidade educacional. Para quem observa de fora, o fenômeno das escolas multisséries e suas problemáticas apresentam soluções, as quais ocorrerá somente quando as escolas seguirem o modelo do meio urbano, como modelo abrangente e eficaz.

Aparentemente essa proposta desperta interesse, mas é uma inverdade. O modelo estabelecido no meio urbano não contempla as realidades do campo, pelo contrário distancia o campo de seus valores, sua identidade, estilo de vida, pois esses elementos passam a serem ignorados descaracterizando o ambiente natural da escola e dos alunos. É imprescindível que o professor, como destaca Freire (1996, p. 37), desenvolva sua ação com comprometimento, se inserindo na vida, no contexto e na realidade do aluno:

Outro saber que devo trazer comigo e que tem que ver com quase todos os de que tenho falado é o de que não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.

A proposta então é uma mudança de paradigma, primeiramente na forma de abordar a Educação do Campo, seguida de metodologias próprias capazes de darem respostas concisas, mediante é claro da valorização do profissional que perfaz a vida da escola, juntamente inserindo a capacitação, a formação continuada e o aparato pedagógico coerente com o campo de atuação.

Essa realidade ainda é comum na maioria dos municípios paraenses, além da multissérie outro fator que complicava ainda mais era que a escola funcionava em uma construção que estava em obras onde iria funcionar uma igreja, sem uma estrutura adequada para receber 38 alunos na idade de quatro a vinte e oito anos. O professor tinha que se desdobrar para atender as necessidades que existiam dentro de uma escola.

Todas essas dificuldades cooperam para que a aprendizagem se desse apenas superficialmente deixando uma lacuna no processo de aprendizagem desses alunos. Fiquei um pouco apreensiva diante dessa realidade, mas resolvi encarar o desafio e contribuir um pouco com aquela realidade, que segundo Paulo Freire (1996, p. 77),

Ninguém pode estar no mundo com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso está no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para inserção que implicar decisão, escolha, intervenção na realidade.

É impossível mudar a realidade que nos incomoda sem encaramos os desafios assumir riscos e contribuir na mudança dessa realidade. Com um salário de sessenta reais resolvi trabalhar em dois períodos para facilitar o meu trabalho e no aprendizado dos alunos, depois dos três meses assumi a turma definitivamente, pois a professora titular desistiu da vaga.

2.2 FINALMENTE A REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Nesse intervalo de experiência das multissérie, conversando com uma amiga fiquei sabendo do projeto de formação de professores leigos³, fui em busca de informações e descobrir que se tratava de uma formação para professores leigos. Vi a oportunidade de cursar o magistério para aprimorar minhas atividades em sala de aula. Para Mello apud Saviani (1982, p.145) é imprescindível que o docente tenha “o

3 No Brasil, a existência de professores leigos é mais comum nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde muitos deles estudaram apenas até a 4ª série e a maior parte não terminou o ensino fundamental (antigo 1º grau). Em 1999, cerca de 30%, dos 456 mil professores de ensino fundamental no Norte, Nordeste e Centro-Oeste não tinham habilitação para lecionar. Em 1999, o MEC cria o Proformação (Programa de Formação de Professores em Exercício), que se constituía num curso de nível médio, com habilitação em magistério. Seu objetivo era oferecer um curso para professores sem habilitação que atuam nas quatro séries iniciais e classes de alfabetização das escolas da rede pública das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste o domínio dos conteúdos do ensino médio e a formação pedagógica necessária para a melhoria da qualidade de sua prática na sala de aula. Fonte: EDUCA BRASIL. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/professores-leigos/>. Acesso em: 28 de mar. 2018.

domínio do conteúdo do saber e dos métodos adequados para transmitir esse conteúdo do saber escolar[...]”.

Diante dessa oportunidade incrível, apesar das aulas já terem iniciado há 15 dias procurei o professor responsável que não colocou nenhum obstáculo, e assim, participei da formação que tinha quatro anos de duração, onde as aulas eram ministradas durante as férias. Como já tinha cursado o segundo grau anteriormente as primeiras disciplinas da base comum foram fáceis, conseguia até ajudar alguns colegas que apresentavam dificuldades.

Com o início das disciplinas específicas passei adquirir novos conhecimentos e a entender que para ser um bom professor não bastava dominar somente os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, existiam conhecimentos importantíssimos que norteavam e davam sentido em tudo aquilo que era levado até o aluno, como as metodologias diferenciadas com uso lúdico, para que o professor conseguisse alcançar seus objetivos, além do planejamento que é um instrumento que norteia a prática pedagógica do professor, que possibilita uma melhor organização do seu trabalho, tornando-o mais organizado e produtivo.

Quanto a avaliação percebi o quanto muitas vezes nós professores com nossas metodologias ultrapassadas a transformamos no vilão do processo, em alguns momentos esse instrumento que deveria apenas ser um termômetro para verificar o progresso ou não do aluno, para que o professor também possa avaliar seu trabalho na sala de aula, muitas vezes tem sido usado como elemento , punição, o que acaba por intimidar o aluno.

Hoje fazendo uma visita ao passado tenho certeza que o projeto Gavião II foi uma porta para manter vivo o meu sonho de me tornar professora, pois apesar de sempre desejar isso as circunstâncias da vida ao mesmo tempo que me aproximava me afastava desse objetivo.

O Projeto Gavião foi de responsabilidade da Universidade Federal do Pará, através da Pró-Reitoria de Extensão, no que diz respeito, em promover a habilitação dos Professores Leigos ao nível de Ensino Fundamental e Médio (área de magistério). O objetivo do Projeto Gavião era promover a capacitação dos Professores Leigos a nível médio/magistério nos municípios do interior do Estado do Pará, da rede municipal de ensino⁴.

4 Em termos de Metodologia, o Projeto Gavião era desenvolvido por etapas, nos períodos de recesso ou férias escolares. Sendo a estrutura curricular aprovado pelo CEE, resolução n.º 447/98 (carga horária 2916 horas) e resolução n.º 518/02 (carga horária de 4280 horas). Os professores designados

Ao final do projeto percebi como meu trabalho tinha evoluído, pois não só adquiria conhecimentos mas, o mais importante era utiliza-los no meu dia-a-dia na sala de aula. Cheguei a conclusão de como foi importante ter oportunidade de participar do projeto e também nesse período está inserida no ambiente escolar que me dava oportunidade de por em prática tudo que tinha aprendido.

Um das experiências mais inspiradoras nesse período, foi quando um pai de uma aluna de quatro anos me questionou porque pedi para ela uma caixa de lápis de cor, pois na época as escolas não possuíam o PDE⁵ bem, esse pai disse que não queria que sua filha aprendesse pintar, sujar papel, mas que ela estava ali pra aprender a ler e escrever, que era pra eu me preocupar somente com isso.

No entanto não tive palavras certas para dizer a ele, pois já havia adquirido o conhecimento da importância dessas práticas. Após alguns dias estávamos trabalhando o tema família e como a turma era multisseriada pedir que os maiores respondessem o texto com palavras, e os menores que ainda não dominavam a escrita responderam em forma de desenho, a menina filha do referido senhor que me questionou sobre o lápis de cor em sala de aula, respondeu por meio de um desenho a pergunta sobre a quantidade de pessoas que faziam parte de sua família.

De posse desse desenho fui fazer uma visita na casa dessa aluna e em uma conversa descontraída tentei mostrar aquela família a importância do desenho da pintura na vida dos alunos nesse período em que ela se encontrava, mostrei que através daquele desenho ela tinha sintetizado sobre o que seria família, o respeito, o amor e a convivência harmônica que deveriam fazer parte de uma família, em resposta a essa explicação na terça-feira a menina chegou na escola com um pacote lacrado nele continha lápis de cor, canetinhas coloridas, caderno de desenho, acredito que o pai conseguiu entender a mensagem que tentei passar.

Para Cruz e Fontana (1997, p. 118):

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa e na escola. Pela brincadeira e pelo desenho ela

para atuarem no projeto teriam que ter Graduação em Licenciatura Plena. A designação é realizada pelas SEMEC's, preferencialmente professores locais ou de municípios próximos onde o Campus Universitário participa dessa indicação. As turmas são formadas de 50 a 60 alunos/professores. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu_anais/anais/educacao/projetogaviao.pdf. Acesso em: 10 de abr. 2018.

5 O PDE Escola é um programa de apoio à gestão escolar baseado no planejamento participativo e destinado a auxiliar as escolas públicas a melhorar a sua gestão. Para as escolas priorizadas pelo programa, o MEC repassa recursos financeiros visando apoiar a execução de todo ou de parte do seu planejamento.

fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações. Pela brincadeira, objetos e movimentos são transformados. As relações em que a criança está emersa são relações elaboradas, revividas compreendidas.

Outra abordagem que deve ser mencionada é a de Valério (2016, p. 15), na qual destaca a relevância do ato de brincar:

Por intermédio da brincadeira, a criança explora e reflete sobre a realidade e a cultura na qual está inserida, interiorizando-a. A experimentação de diferentes papéis sociais (o papel de mãe, pai, bombeiro, super-homem) através do faz-de-conta, permite à criança compreender o papel do adulto e aprender a comportar-se e a sentir como ele, constituindo-se como uma preparação para a entrada no mundo dos adultos. A criança procura assim conhecer o mundo e conhecer-se a si mesma.

A criança que brinca expõe sua criatividade se torna mais segura e desenvolve melhor sua capacidade e habilidades tornando-se assim mais confiante e desenvolve uma autoestima que contribuirá para sua aprendizagem. Deve-se ressaltar que é nesta fase que as interações interpessoais e sociais acontecem como descobertas. Isso deve ser um motivo a mais para que seja intensificada a proposta da brincadeira no contexto educacional das crianças, de maneira significativa e que proporciona a aprendizagem de modo lúdico.

2.3 UMA REALIZAÇÃO PESSOAL E A CONTINUAÇÃO DA DOCÊNCIA

Quando estava para concluir o curso do magistério foi agraciada com mais uma benção, sempre tive o desejo de construir minha própria família, ter filhos sem, contudo abandonar minha profissão. Em 1999 acabei reencontrando um antigo namorado, e nos casamos. A família me ensinou muitas coisas, principalmente a valorizar meus filhos e esposo, que apesar das dificuldades é de muita compreensão, pois muitas vezes abre mão de seus sonhos para ajudar a realizar os meus. Quantas vezes muitos colegas para realizar seus sonhos são obrigados a se separar, por não ter apoio do cônjuge, isso é muito comum. Assim, contar com o apoio da família em qualquer situação é muito importante.

Em 2002 tive o meu primeiro presente, meu filho Efraim, tão esperado e desejado em 2003 veio o Eliaquim. Apesar do susto de uma gravidez tão próxima fez maior ainda a nossa alegria, e em agosto de 2004 para coroar nossa felicidade

fomos agraciados com o Elionay, meu filho caçula, me sinto muito feliz com minha família e não consigo imaginar a vida sem eles.

Em 2005 voltei a atuar como professora com muita dificuldade, pois tinha três filhos pequenos e não tinha habilidade com a embarcação que era o meio de transporte para se chegar até a escola já que se tratava de uma área ribeirinha. A escola funcionava em um só período com uma única turma do jardim à 4º série, foi um recomeço muito difícil, mas precisava ser enfrentado, pois tinha meus filhos que dependiam muito de mim.

Em 2007 houve um concurso público no município, mas não houve oferta para professores com magistério então resolvi concorrer para vagas de serviço gerais que ofertava apenas três vagas na minha localidade, conseguir ser classificada e por quase três anos trabalhei como servente.

Em 2010 foi realizado um novo concurso, nesse haviam vagas para o magistério, foi muito concorrido havia 96 candidatos disputando uma das 15 vagas ofertadas para o meu distrito, mas graças a Deus conseguir ser classificada e finalmente pude entrar para o quadro de professores efetivo do município. Continuei trabalhando na mesma escola foi uma conquista muito importante que devo a Deus e meu marido e meus filhos que sempre acreditaram em mim.

3.PERCURSO ACADÊMICO

Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

Paulo Freire

3.1 PARFOR, MEUS PRIMEIROS PASSOS NA GRADUAÇÃO

Desde 2008 tinha como projeto cursar uma faculdade para poder prestar concurso na área da educação. No mesmo ano, no mês de julho, comecei a frequentar uma faculdade particular no meu município, que funcionava somente aos domingos, duas vezes por mês. Estudei por dois anos e não me sentia satisfeita. Depois do concurso público de 2010 em que alcancei uma vaga como professora

com o curso de magistério abandonei a faculdade, mas com a esperança de voltar a estudar e alcançar meu objetivo que era a formação acadêmica.

Em 2011 comecei a busca para conseguir meu objetivo através do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica). Como só fui chamada para ocupar minha vaga como professora em 2011, não pude me inscrever no PARFOR em 2011, já que não estava em sala de aula no ano anterior, que seria uma das exigências para participar da seleção, nos anos seguintes não consegui ser selecionada. Em 2014, como resido na zona rural e até então não tinha acesso a internet, uma amiga que tinha conhecimento do meu desejo de cursar a universidade, fez minha inscrição na plataforma e quando saiu o resultado me avisou que eu tinha sido selecionada.

Foi uma sensação maravilhosa. Desde menina sempre imaginei que cada série ou etapa de estudo pelo qual passamos, é como se uma nova porta se abrisse diante de nós para que possamos conhecer, e se apropriar de novos conhecimentos.

O Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica é resultado da ação conjunta do Ministério da Educação (MEC), de Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) e das Secretarias de Educação dos Estados e Municípios, no âmbito do PDE- Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação- que estabeleceu no país um novo regime de formação.

O PARFOR, na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para tender o disposto no artigo onze, inciso terceiro do Decreto nº 6755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de a Educação Superior- IES.

O Programa fomenta a oferta de turmas especiais em cursos de primeira Licenciatura, Segunda licenciatura e Formação pedagógica.

Por meio deste Plano, o docente sem formação adequada poderá se graduar nos cursos de 1ª Licenciatura, com a carga horária de 2.800 horas mais 400 horas de estágio para professores sem graduação. O professor fará sua inscrição cursos por meio de um sistema desenvolvido pelo MEC denominado Plataforma Paulo Freire, onde também terá seu currículo cadastrado e atualizado.

Nesse momento que recebi a notícia de que iria realizar mais um sonho, vários pensamentos povoaram minha cabeça. Sabia que a partir do momento que iniciasse minha formação, muitas coisas iriam mudar, não só na minha vida

profissional, mas também sentia que iria crescer como pessoa, pois o curso de pedagogia além de te capacitar para atuar como professor da Educação Infantil e do Fundamental menor, também te enriquece muito enquanto ser humano, e isso percebi logo no primeiro semestre, que se iniciou em julho de 2014.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da UFPA- campus de Abaetetuba o curso de Pedagogia como graduação:

Não pode prescindir do tripé ensino, pesquisa e extensão. Onde o ensino incide sobre a apropriação do conhecimento histórico, político e social produzido pela humanidade e que influencia, em menor ou maior grau, nas formas e no conteúdo do ensinar e aprender. A pesquisa, atrelada ao ensino e à extensão, deve investigar situações-problema da realidade social em que está inserido o fenômeno educativo e situações-problema do próprio fenômeno educativo em si para que, desse modo, possa haver intervenções nessa realidade. (PPP- Curso de Pedagogia, p. 7)

Entre outras coisas, o PPP propõe que o campo de atuação do pedagogo seja em meio à realidade social, fazendo uso do conhecimento do processo educativo, já que neste ambiente de atuação o pedagogo irá confrontar o teórico com o prático por meio de situações reais ocorridas no exercício da docência, é por isso que no desenvolvimento do curso faz-se necessário ensino, pesquisa e extensão.

Em termos práticos, a Pedagogia se refere à arte, ciência e profissão de ensinar, e o pedagogo, no ambiente social desempenha o exercício de educador social em empresas, hospitais, Organização não governamentais-ONGs, associações, igrejas, eventos, emissoras de transmissão (rádio e Tv), formando atualmente, um novo panorama de ação deste profissional (BRASIL ESCOLA)

É interessante frisar que o processo de ensino-aprendizagem é vivenciado não somente dentro da escola, mas é uma ação que acontece em todo e qualquer setor da sociedade, que se caracteriza como a sociedade do conhecimento, porque a educação formal e a não formal caminham paralelamente e torna a educação o principal instrumento contra a desigualdade social.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DE ALGUMAS DISCIPLINAS

Logo na primeira disciplina que foi “História da Educação”, pude entender como a educação foi se constituindo aqui no nosso país. Compreender esse processo e saber que o contexto histórico, econômico, político e social, interferem e influenciam na educação de uma sociedade foi algo muito relevante para a minha visão sobre a educação.

Em “Filosofia da Educação”, aprendi uma das lições mais belas e humanas durante minha formação e isso me fez ter outro olhar para meus alunos e até mesmo em relação a outras pessoas. Isso aconteceu durante a regência da disciplina pela professora Neuza que nos mostrou que dentro da sala de aula temos diferentes tipos de pessoas, que apesar de serem crianças e adolescentes, cada um possui uma história de vida diferente, e às vezes o aluno não consegue aprender não por ser incapaz, mas, porque esse aluno passa por muitas situações de ordem emocional, econômico, social e problemas de saúde que dificultam seu aprendizado, e é muito importante o professor possa estar atento a essas dificuldades e se propor a ajudar esse aluno ou buscar ajuda em outros espaços para que ele possa vencer esses desafios.

Hoje percebo o quanto essa visão mais humanizada no ambiente escolar é indispensável para mudar muitas realidades a nossa volta. Fazer-se um com o aluno de maneira a contribuir para que o processo de ensino aprendizagem seja desenvolvido por meio de parceria é fundamental e eficiente. Ter esse contato humano direto, reconhecendo que o ambiente do aluno é material que pode ser usado com maior segurança para o processo educacional. É a interação pessoal e interpessoal do aluno e professor o elo da unidade da vida de uma comunidade escolar.

3.3 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

O estágio constitui-se em um grande momento que possibilita o estudante a vivenciar o que foi aprendido durante sua formação acadêmica, tendo como base as inúmeras disciplinas do currículo para, assim, testar os níveis de conhecimentos adquiridos durante o processo de formação acadêmica. Por meio dele, o discente

pode perceber a importância de se ter uma grande formação, e estar preparado para exercer a profissão de professor de língua portuguesa.

Discutivelmente, o estágio funciona como uma passagem para o futuro. Isso deve acontecer naturalmente como um momento de avaliação do aprendizado teórico e prático em confronto com a realidade. O estágio supervisionado tem sido eficiente na ligação do mundo acadêmico com o profissional, possibilitando ao estagiário conhecimento das funcionalidades, das diretrizes e das organizações intercomunitária.

A formação acadêmica materializa-se por meio da realização do estágio, com o intuito de aproximar os alunos do mundo letrado, dando-lhes oportunidade de exercitar a prática docente, como profissionais estimulados, preparados e conscientes de suas funções.

Segundo as orientações da LDB, o professor em seu exercício deve saber conciliar o teórico e o prático em sala de aula para um bom aproveitamento dos alunos:

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

- 1.a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;
2. aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

A grande problemática vivenciada pelos profissionais da educação é a dificuldade de conciliar e associar teoria e prática. Isso acontece porque exige a humildade de recomeçar sempre, nunca se sentir pronto ou autossuficiente. É o professor em construção! Além disso, o sistema educacional não favorece um crescimento a nível de formação, já que são poucos os investimentos nas formações continuadas dos professores. Para superar essa dificuldade faz-se necessário a auto formação, a que leva o profissional a uma atitude de saber recomeçar sempre, nunca se sentir completo, sempre buscando, pesquisando e se formando. Esse processo dura para vida toda.

Nesse sentido é imprescindível que o professor seja capaz de repensar suas práticas educacionais. É necessária uma retomada ao contexto dos alunos, por que de modo empírico é constatado o que existe em sala de aula são aplicações de

textos fora do contexto. É o professor que a partir da realidade do aluno cria seus métodos e materiais oportunizando um aprendizado dentro da realidade do aluno.

Os Estágios Supervisionados foram bons e oportunos momentos de aprendizado a que fomos levados. Por se tratar de uma turma onde todos já tinham experiências como professores, era comum falarmos que não precisávamos passar por essas experiências, por já ter ou estar vivenciando essas situações em nosso dia-a-dia. Acredito até que seja natural essa atitude em relação ao estágio de pessoas que já exercem a docência.

Sabemos que são muitos os desafios enfrentados em sala de aula, em todos os níveis de ensino, mas é necessário que enfrentamos esses desafios. Para que tenhamos uma educação de qualidade. Pois a experiência que tive, com o estágio de docência, foi de suma importância e significativo para minha formação profissional, foi excepcionalmente especial para aprendizagem junto aos alunos e professores. Entendo que, esses momentos só servirão para um maior amadurecimento, diante das dificuldades apresentadas as práticas adquiridas na educação. Portanto devemos lutar para que realmente aconteça essa educação de qualidade que queremos, onde os direitos educacionais sejam respeitados e garantidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar as reflexões sobre o processo educacional por qual passei me impulsionou a uma reflexão sobre a minha vida educacional e profissional, me fez ver que tudo o que vivi até hoje, foram aprendizagens, que só me fizeram crescer como pessoa, e acreditar que tudo é possível quando se tem vontade e amor próprio, capazes de amar e fazer a diferença utilizando-se da profissão que exerce.

Contudo ao começar as práticas docentes ainda carregava marcas profundas de um ensino tradicional, que precisavam ser superadas. Deste modo sou muito grata a esta Universidade Federal do Pará e aos professores que me ajudaram a ser uma melhor profissional da educação. A cada disciplina que era ofertada adquiria conhecimentos grandiosos que me possibilitavam adotar uma atitude profissional melhor em sala de aula e como profissional. O sentimento que apresento hoje é de gratidão ao curso de Pedagogia, especialmente aos professores e colegas de curso, pois juntos fomos capazes de redirecionar nossas histórias de vida.

Ao final, termino aqui minhas breves memórias de discente deixando escrito um pouco da minha história até a minha formação acadêmica e junto também um pouco da minha felicidade em dizer que estou terminado a minha primeira graduação, mas que não pretendo parar por aqui quero ir mais adiante e cursar uma pós-graduação e quem sabe o mestrado, pois acredito que as dificuldades podem ser superadas e os sonhos podem ser realizados, mas para isso temos que estar buscando novos conhecimentos, para nos tornarmos grandes profissionais da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cleusa Pires de. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

ASSIS, Muriane Sirlene Silva de. **Práticas de cuidado e de educação na instituição de educação infantil: o olhar das professoras**. In: ANGOTTI, Maristela (Org.). Educação infantil: Para que, para quem e por quê? 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. p. 87- 104.

BORBA, A. M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil**. Tese (Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

BRANDÃO, Zaia et alii. **O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil**. In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 64, nº 147, maio/agosto 1983, p. 38-69

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília (MEC) SEF, 1997.v.1.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Introdução. Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro. Sextante: 2003.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação.

FERREIRA, Seila Sousa dos Santos. Artigo científico: **A importância do trabalho pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 3º ano com baixo desempenho escolar**. Disponível em: webartigos.com/.../a-importancia...trabalho-pedagogico...trabalho-pedagogico/37780. Acesso 6 de mar. 2018.

FIORI, E. M; ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **Educação e política**. Textos escolhidos. Volume 2, L&PM Editores, 1992.

FONTANA, Roseli. ; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**/ Paulo Freire-São Paulo: Paz e Terra, 2008 (Coleção leitura),pág.141.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Artigo científico: **Transgressão do paradigma da(multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v35n129/0101-7330-es-35-129-01165.pdf. Acesso em: 10 de jan. 2018.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Educação do campo na Amazônia**: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará / Salomão Mufarrej Hage (Org.). - Belém: Grafica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

LOPES, L. P. M. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, São Paulo, Mercados das Letras, 2002. 232 p.

MORAES, I. N. **Memorial**: síntese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO-Curso de pedagogia. UFPA.

SAVIANI, Nereide. **Saber Escolar, Currículo e Didática**: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M, I.; CÂNDIDO,P. **Jogos de matemática**. Artmed. Porto Alegre, 2007.

VALÉRIO, Joana Simão. **A importância do brincar no desenvolvimento da criança**. Psicologia P.T. O Portal dos Psicólogos. (online). 2016. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/. Acesso em: 14 jan. 2018.

ZABALA, Antoni. **As relações interativas em sala de aula**: O papel dos professores e dos alunos In:_____. A prática educativa: Como ensinar. Tradução Emani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.